

as que dizem respeito ao uso dos termos racional e irracional que fazem Max Weber e outros (págs. 124-129). É digna de nota a sentença final: "Aquêlê que discorda dos ensinamentos da economia deveria procurar refutá-los por meio do raciocínio discursivo, não por meio de insultos, insinuações e apêlo a supostos padrões éticos arbitrários" (pág. 133). Leo Strauss contribui com uma interessante exposição de algumas teorias relativistas da filosofia contemporânea. Com muita habilidade, não assume pessoalmente posição, mas, seguindo o raciocínio de alguns às últimas conseqüências, ou confrontando doutrinas que se chocam, insinua a sua inanidade. "Some Reflections on the 'Relativistic' Meaning of *Wertfreiheit* in the Study of Man", de Bruno Leoni, contém algumas das melhores páginas da coletânea. É uma lúcida clarificação de um aspecto da metodologia de Max Weber, leitura útil para qualquer cientista social.

Os dois últimos artigos resenhados constituem o ponto alto do livro. Dos que se lhe seguem, "Adventure into the Unknown: Relativist 'Man-Afraid-of-His-Mind'", de James C. Malin e "Relativism and Social Control", de John W. Tietz, aduzem novas razões para lançar-se anátema contra o relativismo. Mario Pei acha que o relativismo pode ser aceito em lingüística com grandes precauções, circunspecção e conservantismo. No escrito que serve de fêcho ao volume, Richard M. Weaver diz que a linguagem, embora sendo uma convenção, obriga absolutamente. Há modos certos e errados no uso da língua, que não devem ser abalados por nenhum conceito relativo.

O esforço de reunir êste simpósio e publicar êste livro revela da parte dos que o fizeram um intuito de combate. O ímpeto dêsse punhado de bravos contra a hidra do relativismo revela-se afinal, à luz da análise desapaixionada, singularmente inconclusivo. Nenhum nega a validade do método relativista nas ciências sociais. Mas a pretensão de traçar limites à sua aplicação efetiva salda-se por um malôgro. A atitude da ciência em face dos preceitos morais é de neutralidade, como o diz von Mises, sob aplausos do Conselheiro Acácio. Se algum cientista passa do relativismo metodológico ao relativismo ético, o faz por sua conta e risco, sem comprometer a validade do método. Esta se comprova pela fecundidade de resultados, na busca serena da verdade, que o autor desta resenha está pronto a admitir como um valor absoluto.

Em troca da doutrina perniciosa que tanto o escandaliza, o anti-relativista nada tem a oferecer. Quem o diz é o próprio Eliseo Vivas, num trecho que é transcrito no original, com vistas a não falsear o seu pensamento: "(...) we can expose the fallacies and incoherences of cultural relativism, but we cannot offer the relativist a clearly defined set of criteria by means of which we can order in a hierarchy the cultural pluralism that confronts us" (pág. 70). Enquanto não vem esta panacéia, o antropólogo e o sociólogo continuarão a usar, de consciência tranqüila, o relativismo como uma das armas de sua panóplia.

Ruy Coelho

\*

JEAN HURAUULT: *Les Noirs Réfugiés Boni de la Guiane Française*. 362 págs., com ilustrações e mapas. Institut Français de l'Afrique Noire. Dakar, 1961.

Durante os séculos XVII e XVIII, principalmente neste último, escravos fugitivos formaram grandes grupos no interior das Guianas e, muito numerosos, atacaram e devastaram as plantações das proximidades, até que finalmente os brancos se viram obrigados a negociar com êles, a fim de obterem paz. Reconhecida sua independência, fixaram-se ao sul da Guiana Holandesa, em pleno "deserto humano" da floresta amazônica. Não só viveram isolados, como se habituaram a extrema reserva em suas re-



lações com estranhos, que persistiu mesmo depois que o povoamento mais intenso daquelas regiões lhes trouxe contactos freqüentes com os brancos.

Formaram êsses antigos escravos fugitivos quatro grandes grupos, denominados Saramaka, Djuka, Paramaka e Boni, nomes que conservam até hoje. São grupos coesos e bem definidos, em pleno desenvolvimento demográfico, somando ao todo 25.000 habitantes. Ao se instalarem em plena selva, pretenderam retomar inteiramente os costumes africanos, reconstruindo as antigas estruturas sociais. Eram, todavia, de proveniência diversa: Ashanti, Dahomey, Congo e, na solidão da floresta, os traços provenientes das diferentes etnias se amalgamaram, formando quatro culturas africanas dissemelhantes das originais e com evolução sui-generis. Pode-se dizer que teve lugar a formação de novas culturas africanas, pelo amálgama de várias culturas daquela proveniência, e é no plano religioso e moral que as diferenças mais se afirmam.

O A. fez um trabalho descritivo completo e bem documentado. Começando pela descrição do meio natural e da população, passa em seguida para a organização social, faz o inventário das diversas aldeias Boni, registra as instituições sociais e seu funcionamento, tanto no que diz respeito às ligações com a terra, como às relações das linhagens e das famílias, apresenta as crenças e a literatura folclórica e, finalmente, estuda os caracteres particulares da economia, sobretudo em suas relações com a de populações vizinhas.

A religião se constituiu por uma síntese de elementos provenientes de diversos povos do oeste africano, notadamente dos Ashanti, dos Agni, dos Mina e dos Fon, com alguns elementos congolezes. Certo número de iniciados se encontrava entre os rebeldes fugitivos, que se esforçaram por conservar e transmitir os ritos, modificados ou interpretados pelos descendentes; pois só o fato de diferirem, por exemplo, fauna e flora americanas das do país de origem obrigava a modificações no ritual, a par das falhas da memória e das invenções humanas, que também contribuíam para transformar o que existia. Conservaram-se, todavia, os conceitos básicos, as idéias metafísicas e morais, que permaneceram autenticamente africanas.

O culto das divindades Boni tem por finalidade captar a força vital delas e dos antepassados, trazendo-as ao nível dos homens, que assim adquirem vigor, sorte, fecundidade. Aumentar a força vital, eis o que pode ser definido como o bem; o mal é apoderar-se da força vital de outro homem para aumentar a própria. O culto, principalmente por meio de cerimônias visando à crise de possessão pelos iniciados, tem por fim aumentar a primeira daquelas forças vitais e garantir-se contra o malefício da segunda. A possessão, base da vida religiosa, constitui o meio normal de comunicação entre os deuses e os homens. Uma entidade supra-humana penetra nestes e nêles permanece por tempo variável; diz-se então que o homem é o cavalo da divindade, ou que a divindade penetrou em sua cabeça.

Não é qualquer um que pode tornar-se cavalo de santo; a primeira possessão parece ser involuntária, espontânea, pelo menos em 50% dos casos, mas é também algo que se aprende. Não existem confrarias ou grupos religiosos propriamente ditos entre os Boni, mas há mestres religiosos que ensinam pequeno grupo de alunos, sem distinção de aldeias e de linhagens. As lições são pagas e em geral muito caras, pois seu preço é sinal de sua legitimidade. Os mestres não são nunca possuídos, mas conhecem os meios de se obter a possessão com o menor risco possível. O treinamento dos alunos é longo; a princípio a divindade não consegue exprimir-se direito, a dança de seu cavalo não é bem executada, mas com o tempo passos e gestos vão adquirindo maior força e graça, o cavalo se tornou amestrado.

Encarnam-se divindades de três espécies: os Kumentí, os Busunki e os Voodoo. Os Kumentí são divindades benevolentes e amigas dos homens; os Busunki habitam



as águas ou as árvores e às vezes aparecem sob a forma de mulheres índias de longos cabelos; finalmente, os Voodoo são divindades muito temidas pelo seu caráter mau, suscetível e vingativo. No entanto, os Kumentí não encarnam o princípio do bem, nem os Voodoo o do mal; as divindades agrupadas sob os dois títulos podem se manifestar como inimigas de determinada linhagem, ou como benfeitoras desta. Embora o medo dos Voodoo seja flagrante, são por isso muito respeitados e constituem oráculos frequentemente consultados, depois de devidamente apaziguados pelas cerimônias necessárias.

Fazemos estas breves indicações a respeito dos cultos dos negros Boni, porque seria interessante uma comparação entre os três termos: candomblé baiano, vodu do Haiti, cultos de possessão dos negros Boni. Os dois primeiros foram exaustivamente estudados por Roger Bastide e Alfred Métraux e, com a obra que ora apresentamos, fornecem o necessário material comparativo. O problema central seria: quais as semelhanças e as diferenças entre os três cultos de possessão, e a que poderiam ser atribuídas? Acresce que, pelo menos com relação ao candomblé, Roger Bastide teve ocasião de verificar, em pesquisas realizadas na África, serem insignificantes as diferenças entre o culto na América e no continente de origem. De onde o segundo problema: ter-se-ia dado o mesmo com os cultos Boni, ou, no isolamento total das florestas, seu desenvolvimento se desviou das orientações primeiras? Também seria interessante comparar, noutro trabalho, este grupo de descendentes de escravos fugidos com o que Ruy Coelho estudou em sua tese "The Black Carib of Honduras", para ver quais as diferenças entre as duas comunidades, resultantes de situações diferentes de contacto com os brancos.

Porque esta é a principal utilidade de trabalhos monográficos como os citados acima: fornecem os materiais básicos já trabalhados e interpretados, para uma comparação e ulterior determinação de tipos de comunidade.

*Maria Isaura Pereira de Queiroz*

\*

GEORGES GURVITCH: *Dialectique et Sociologie*. 242 págs. Flammarion Ed. Paris, 1962.

Um dos grandes problemas da sociologia é o da representação, em outros termos que os de uma descrição discursiva, de toda uma realidade social cujo aspecto essencial é a mobilidade. Três conceitos foram utilizados, nesse setor, para dar idéia do fluxo contínuo das atividades, os de processo, função e mudança. No entanto, os três se conservam muito próximos da realidade concreta que visam a retratar, praticamente sem sofrer elaboração que lhes dê caráter mais abstrato; fala-se, por exemplo, de processo de cooperação, de processo de competição, de mudança de um tipo de estrutura social para outro, de função de um elemento social dentro do complexo a que pertence, mas os termos não fazem mais do que substituir os nomes mais habitualmente utilizados em linguagem corrente. A ciência quase nada ganha com isso, porque tais termos não encerram uma série de significados que os tornem substitutos válidos de definições.

Com este trabalho, Georges Gurvitch mostra como a utilização do termo dialética pode oferecer uma solução para o problema. A palavra cobre uma variedade de significados e sofreu larga evolução histórica, por isso o Autor começa por definir o sentido em que o aplica. Em seguida, numa primeira parte crítica, narra todo o desenvolvimento do pensamento dialético, de Platão a Sartre, insistindo particularmente nas sucessivas tentativas de aplicação às ciências humanas e sociais. Na segunda parte, explica de que maneira concebe esta aplicação.